

ARTHUR BORGES FARIAS

Por: Leda Figueiredo Rocha do Lago (IHGPoxoréu/2020)



Foto: Arthur Farias em diferentes fases da vida

Natural de Oliveira dos Brejinhos-BA, nasceu em 01/09/1901, filho de: Possidônio Fernandes Farias e dona Maria Rita Borges. Arthur, a exemplo de inúmeros baianos, veio da Bahia a cavalo, junto com outros companheiros, foram vários meses de viagem, passando pelo estado de Goiás, até chegar ao tão sonhado garimpo de Poxoréu, no início da década de 20. Aqui chegando, se dedicou ao trabalho de garimpeiro na região do Alto Coité.

Em 1926, teve início a vila de Poxoréu, com a descoberta de garimpos nessa região por Doroteu Sodré e Barbosinha. Nessa época, Arthur já se encontrava na região. Portanto, viu nascer a vila e surgir as primeiras casas da tão amada cidade de Poxoréu.

De acordo com o escritor João Ribeiro Nogueira, que viajou 45 léguas a pé de Cuiabá até Poxoréu em 1929, havia tanta gente em Poxoréu naquele período, que chegou a relatar; “Os garimpos de Poxoréu, era um formigueiro. Há mais baianos lá do que na Bahia.” Disse ainda, “Difícil é se arrancar. É tudo muito caro” NOGUEIRA afirma ainda que Poxoréu, era a frente garimpeira mais afamada do Brasil.

Movidos por fatores como esses relatados por NOGUEIRA, o senhor Marculino da Silva, mudou-se de Cuiabá para Poxoréu, em 1928. A família de seu Marculino era constituída por sua esposa Hermínia, a sogra Luíza, o filho Euclides Estanislau da Silva, a filha Zenaide Silva e a enteada Eracília Paes Ribeiro (Duda).

A família de seu Marculino veio para Poxoréu, com a intenção de instalar uma pensão, visto que, a quantidade de pessoas que chegavam e saíam em Poxoréu era muito grande. Aqui chegavam garimpeiros, compradores de diamantes, fazendeiros, mascates, tropeiros e muitos outros. Todos procuravam locais para se hospedar, isto é, pernoitar e se alimentar. Então, a pensão era um ramo comercial de lucro garantido.



Foto: Zenaide ainda bem jovem

O garimpeiro Arthur certamente foi hóspede da pensão de dona Hermínia, mãe da adolescente Zenaide, pois pouco tempo depois, no ano de 1930, iniciou o namoro com a moça, mesmo contra a vontade de dona Hermínia, uma vez que a filha, era muito jovem e ainda estudava e Arthur, era um simples garimpeiro, que não tinha condições financeiras adequadas para assegurar um futuro seguro para a jovem Zenaide. Porém, não teve jeito, mesmo contrariando os desejos de dona Hermínia, o garimpeiro Arthur, que na época tinha 30 anos de idade, conquistou o coração de Zenaide e assim, convenceu a dona da pensão, que não teve como recusar o casamento da filha Zenaide, que ao 17 anos se casou com Arthur, em 08/12/1931.



Os primeiros anos do matrimônio foram muito difíceis, tendo em vista que, o garimpeiro Arthur muitas vezes voltava para casa sem ter como garantir as despesas de família, pois o pouco que extraía das profundezas do solo, eram alguns xibius (diamantes bem pequenos, quase sem nenhum valor comercial). Todavia, o baiano Arthur não desistiu e nem perdeu a esperança, algo lhe dizia que ali onde trabalhava havia um bom diamante, que poderia mudar o destino de sua vida.



Certo dia, no final da década de 30, Arthur encontrou o tão sonhado diamante, “bamburrou”, isto é, encontrou uma grande e valiosa pedra preciosa. A partir daquele dia, abandonou a profissão de garimpeiro e passou a ser comprador de diamantes. Comprou terras e fez uma casa na rua Mato Grosso, número 325, quase em frente à casa da sogra Hermínia, que tinha a pensão do outro lado da rua, onde atualmente funciona a loja RM Presentes.



Era uma casa muito bonita, a melhor da cidade naquela época, e de acordo com relatos de seu Bráulio Silva (Entrevistado por mim em 2007), foi a primeira casa de alvenaria, com piso em cerâmica (vinda do Rio de Janeiro), janelas com vidros importados de Paris. Além da estrutura física de destaque, a casa era mobiliada com móveis em estilo colonial (chapeleira, poltronas de madeira torneada, cristaleira e outros). Havia ainda vários álbuns grossos, repletos de LPs, discos de vinil, álbuns de correspondência de amigos, familiares e autoridades políticas (cartas, cartões postais, recortes de jornais, etc.) e equipamentos eletrônicos raros, como dois gramofones (vitrola, onde se tocavam os discos), sinal que o casal Arthur e Zenaide gostavam de ouvir boas músicas.



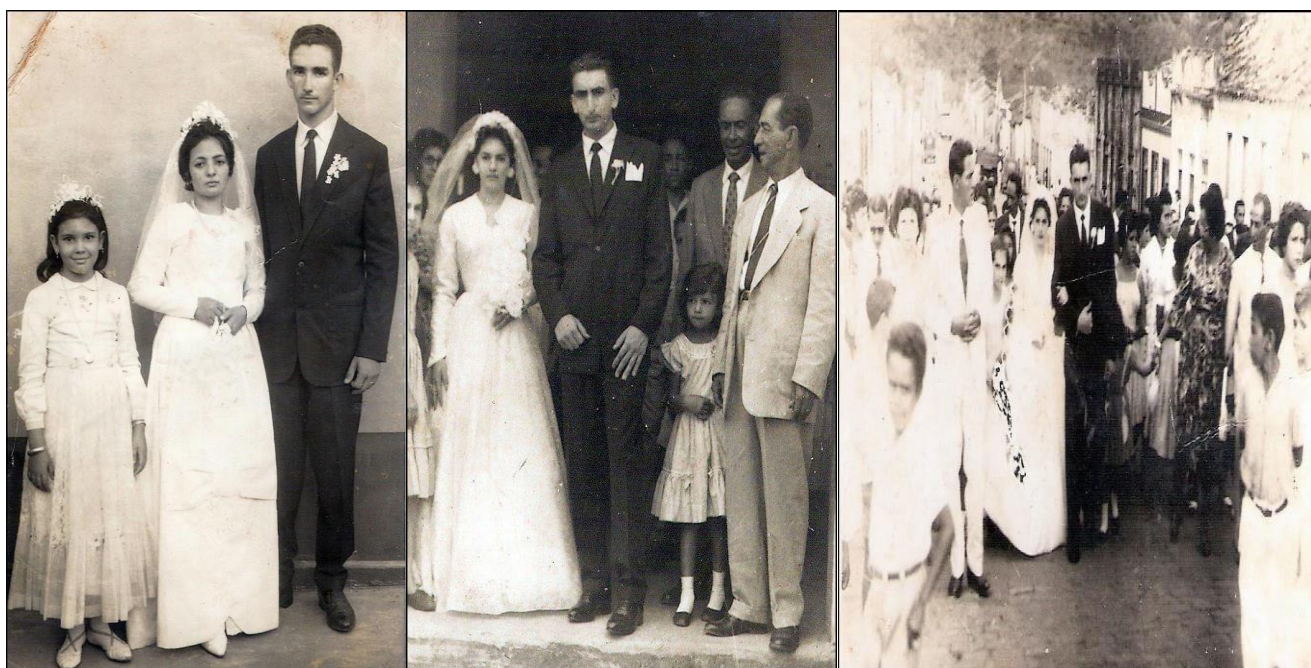
Outro fato que cabe ressaltar, era a participação ativa do casal Arthur e Zenaide nas atividades sociais e políticas realizadas na sociedade poxoreNSE. Tinham presença garantida em festas de casamento, batizado, reuniões e comícios. Porém, o ponto de destaque era a festa de São João Batista, ocasião em que dona Zenaide caprichava nos saborosos pratos da ceia, que o esposo Arthur fazia questão de arrematar.



A residência do casal Arthur e Zenaide serviu para acolher autoridades importantes do estado e do país, quando essas visitavam a cidade de Poxoréu, a exemplo da recepção ao Interventor Júlio Müller e a esposa Maria Arruda Müller quando estiveram em Poxoréu, no final dos anos 30, conforme relatou-me o senhor Jurandir Xavier, mostrando - me a ata que continha os registros dessa visita, quando em 1995, estive visitando a Casa da Cultura sob responsabilidade de Sr. Jurandir para pesquisar sobre a visita do interventor em Poxoréu, visto que eu estava orientando um grupo de alunos que em 1995, participaram de um concurso de redação em comemoração ao “Centenário de Júlio Müller”, promovido pela Fundação Júlio Campos. Sendo o primeiro lugar do concurso alcançado pela aluna Regianne Figueiredo Lago, minha filha, e o quinto lugar por outro aluno de Poxoréu, Edinaldo Jacobina.



O casal Arthur e Zenaide gostavam de participar de passeios e eventos sociais fora da cidade de Poxoréu do estado de Mato Grosso também. Conforme relatou a filha Cida, eles foram assistir à inauguração do Palácio Alencastro em Cuiabá e fizeram várias viagens ao Rio de Janeiro, quando era a capital do país, sede do governo federal, por lá se encontravam com importantes autoridades, com as quais o casal tinha estreitos laços de amizade. Fato que eu pude constatar através das fotos e correspondências trocadas por eles, documentos que avistei no interior da residência da rua Mato Grosso, número 325, no ano de 1998, quando estive visitando a casa, com a congreira Eva Mendes, porque tínhamos a intenção de instalar ali, a Casa da Cultura de Poxoréu.

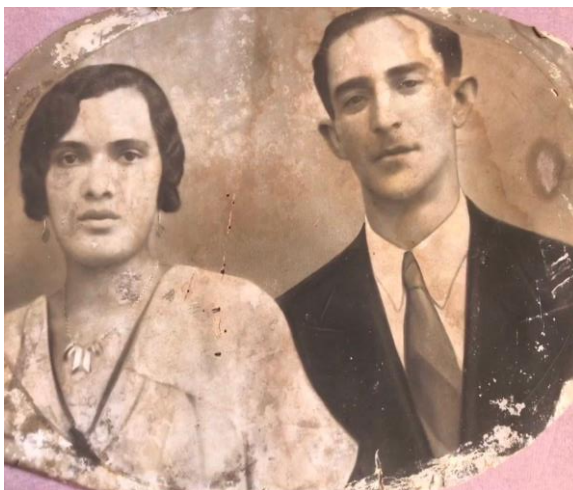


Desejo que não se concretizou. Os documentos existentes no interior do imóvel foram destruídos pela ação do tempo, devido a goteiras existentes no telhado e a ação de vândalos que arrombaram a casa. Todavia, cabe registrar que a filha Cida, por diversas vezes realizou serviços de reparos na estrutura física da casa, e mesmo expressando um imenso amor pelo imóvel, resolveu vendê-lo para melhor preservar e mantê-lo bonito e presente entre nós.



Foto: Joelcio o segundo abaixado, da esquerda para a direita.

Apesar de todo conforto, o casal se sentia incompleto, faltava o tão sonhado filho. Pois, os anos se passavam e dona Zenaide não conseguia engravidar. Foi aí que resolveu se dedicar à criação do menino Joelcio Pereira Ramos, filho de Duda, irmã de criação de Zenaide, o qual desfrutou de todo conforto que a família podia oferecer naquela época, haja vista que, Arthur era um dos mais abastados compradores de diamante nas décadas de 40 até o início dos anos 50.



Todavia, Deus mais uma vez agraciou o casal Arthur e Zenaide, dessa vez não com uma pedra preciosa, como aquela encontrada no Alto Coité, mas com um dos maiores tesouros que eles poderiam receber das mãos do Criador. Zenaide engravidou depois de 24 anos de matrimônio e, no dia 12 de maio de 1956, deu à luz a uma linda garotinha, que foi batizada com o nome de Maria Aparecida Silva Farias. Certa vez senhor Arthur comentou com a filha Cida, que o nome Maria Aparecida foi escolhido especialmente para ela, por indicação de um hóspede que se encontrava hospedado no hotel que eles (Arthur e Zenaide) estavam quando a filha nasceu, e Arthur em comemoração ao nascimento da filha, ordenou que servisse um almoço especial para todos que ali estavam hospedados, regado a vinho e cerveja. Quando de repente um determinado hóspede perguntou o motivo daquele almoço, e o dono do hotel explicou. Então, o referido hóspede se dirigiu até o senhor Arthur e o parabenizou pelo nascimento da filha e também lhe disse, que por ser o mês de maio, que fosse “MARIA” e por ter aparecido aquela criança depois de mais de vinte e quatro anos de casados, que pusesse “APARECIDA”, dessa forma, registrou-se Maria Aparecida.



Foto: Arthur e Zenaide com o neto Mário Henrique

Porém, como todo fato tem as suas exceções, quando Cida nasceu, o casal já não se encontrava com a situação financeira tão boa quanto antes, haja vista que, seu Arthur tinha passado por dois assaltos, que lhe deixaram praticamente sem nada. Pois, naquela época, os compradores de diamantes ficavam com altas quantias em casa, o dinheiro era guardado em cofre e quando viajavam para outras regiões garimpeiras, levavam consigo todo dinheiro possível, porque o diamante era pago na hora e em espécie. O último assalto que sofreu, ele se encontrava nos garimpos de Paranatinga, e lá os ladrões levaram uma quantia muito alta em dinheiro. Seu Arthur não parou de comprar diamantes, porém passou a comprar diamantes pequenos e xibius. Com isso, a renda foi diminuindo até chegar a ocasião em que os amigos vendo a situação decadente em que o grande amigo Arthur se encontrava, conversaram com o prefeito e esse que também era amigo de Arthur, resolveu ajudar o homem que tantas vezes lhe prestou apoio político e financeiro durante as campanhas, fez lhe um convite para trabalhar como fiscal da prefeitura. Arthur, não recusou o convite, trabalhou por vários anos na função de fiscal municipal, atuando com muita dedicação e honestidade no cargo.



Foto: casal Arthur e Zenaide com o genro Mário Sérgio, o neto Mário Henrique e uma sobrinha (filha de Darcy e Jeová)

Dona Zenaide que estava acostumada a viver junto ao seletor grupo da sociedade poxorense, quando viu que precisava assegurar conforto à filha Maria Aparecida, aceitou sem nenhum constrangimento o convite para trabalhar como inspetora Escolar, no Grupo Escolar Júlio Müller, depois no Ginásio Sete de Setembro.



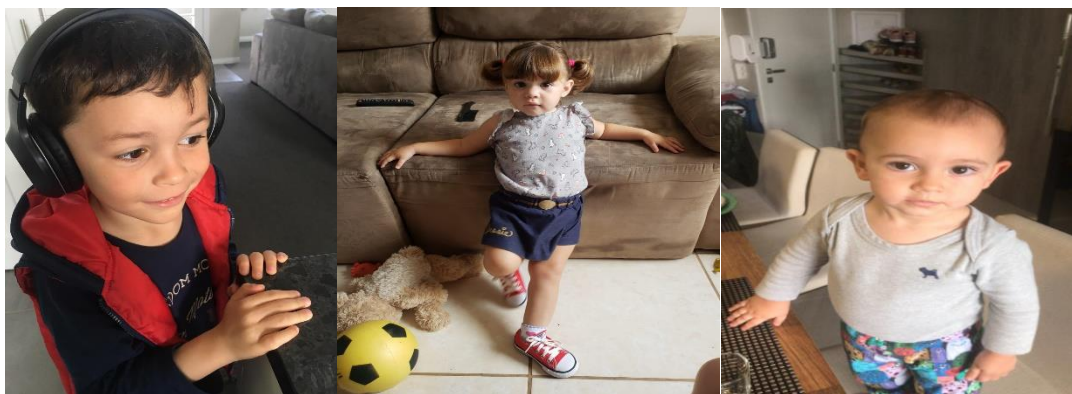
Foto: Cida no Coral de Poxoréu

O tempo passou e Maria Aparecida estudou, se formou casou-se com Mario Sérgio Santos, passando a assinar Maria Aparecida Silva Farias Santos. Cida e Mário tiveram quatro filhos: Mário Henrique (22/07/1982, Bernardo Thadeu (30/09/1984); Nicollas Augusto (04/05/1990) e Linn Sibilla (26/08/1991)



Foto: Cida, o esposo Mário Sérgio e os filhos.

Portanto, dona Zenaide e seu Arthur tiveram 04 netos. Esses netos cresceram e a família rendeu um pouco mais. Mário Henrique Farias Santos casou-se com Giselle Marins Santos e dessa união nasceu Davi Marins Santos em 22/11/2013; Bernardo Thadeu Farias Santos casou-se com Vanessa Feltrin Santos e dessa união nasceu Sebastian Feltrin Santos em 08/08/2018; Nicollas Augusto Farias Santos casou-se com Thayara Laís Muriana e dessa união nasceu Ayla Muriana Santos em 14/06/2018;



Infelizmente os pais não são eternos, um dia se despedem de seus filhos, assim como os filhos um dia se despedem de seus pais. No dia 31/08/ 1986, seu Arthur faleceu em sua casa, em Poxoréu, vítima de um infarto fulminante. Com a morte de seu Arthur, dona Zenaide não se mudou de Poxoréu, mas passou a ir com mais frequência para casa da filha Cida, em Tangará da Serra, por lá ficava alguns meses e depois retornava para Poxoréu, até que numa dessas temporadas que se encontrava em Tangará da Serra, em companhia da filha e dos netos, dona Zenaide também faleceu em 01/10/1991, vítima de infarto. Todavia, seus restos mortais foram transportados e sepultados em Poxoréu, junto ao corpo do esposo.

Maria Aparecida, filha do casal Arthur e Zenaide, concluiu o ginásio (Ensino Fundamental) em Poxoréu, estudou o Ensino Médio no Colégio São Gonçalo em Cuiabá e o Ensino Superior em Farmácia / Bioquímica, em Campo Grande. Lá se casou com Mário Sérgio dos Santos (engenheiro agrônomo), mudaram anos mais tarde para Tangará da Serra (MT), o esposo foi secretário Municipal de Agricultura por duas vezes e Maria Aparecida trabalhou no Laboratório de Análises de Tangará da Serra, e com a ajuda de uma amiga, fundou o Banco de Sangue - UNITAN. Com o desenvolvimento dos filhos, Cida resolveu mudar para Cuiabá para acompanhar os estudos dos filhos mais novos (Nícollas e Lin Sibilla). Cida trabalhou por muitos anos no Hemocentro de Mato Grosso, onde desenvolveu trabalhos interessantes e ocupou cargos variados a frente do órgão. Lá aposentou se no ano de 2015.



Foto: Cida o esposo Mário Sérgio com filhos, noras e netos

Maria Aparecida e Mário Sérgio educaram os filhos, ensinando lhes o valor dos estudos, do trabalho e do amor à vida. Hoje, os dois estão aposentados e podem se dar ao luxo de escolher onde morar, ou onde ficar, se em Tangará da Serra, local onde mantém residência e têm muitos amigos, por isso, em determinada épocas vão para lá. Tem apartamento em Cuiabá, onde moram os filhos mais novos: Nícolas Augusto (formado em Ciências da

Computação) e Linn Sibilla(formada em Medicina Veterinária), Cida também tem residência em Brusque Santa Catarina, onde mora o filho Bernardo Thadeu (formado em Medicina)) e de dois em dois anos, o casal Cida e Mário vão passear na Nova Zelândia, local em reside o filho Mário Henrique(formado em Engenharia de Automação Industrial) e lá trabalha numa multinacional.